



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

ATELIÊ COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: AS CRIANÇAS E SUAS EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Bruno Rafael da Fonseca Dias¹
Edson Carpes camargo²

RESUMO

A presente pesquisa apresenta o ateliê como proposta pedagógica na educação especial tendo como objetivo investigar como o ateliê pode ser potencializador da escuta de crianças que frequentam uma escola de educação especial, o problema de pesquisa, como o ateliê enquanto proposta pedagógica qualifica o processo de escuta das crianças na educação especial. A pesquisa apresenta o marco histórico da educação especial na perspectiva da educação inclusiva e o ateliê enquanto proposta pedagógica. Como referencial teórico foi utilizado Hohmann; Weikart, (1997), Gandini, Hill, Cadwell & Schall (2019), Abad (2008), Santos (2018) para apresentar e sustentar o ateliê como proposta pedagógica, inspirados em Loris Malaguzzi; a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007), bem como os marcos históricos que subsidiaram a elaboração desse documento; Mascarenhas (2012), Granger (1982), Gil (2002), para fundamentar o percurso metodológico escolhido neste estudo. A pesquisa foi classificada como descritiva, os procedimentos foram configurados como estudo de caso tendo como, *locus* uma Escola Especial pertencente à rede APAE e o instrumento de coleta de dados foi a observação participante, onde foram organizados e executados três contextos pedagógicos de ateliês. Ao final, percebemos que a proposta do ateliê qualifica o processo de escuta das crianças, promovendo relações e interações com os espaços e com as outras crianças, com os adultos, bem como possibilita que as crianças possam se comunicar por meio das múltiplas linguagens. Todo o percurso aponta reflexões sobre os ateliês, e como ele potencializa a escuta das crianças, sobretudo as que frequentam as escolas de educação especial.

Palavras-chaves: Ateliê como proposta pedagógica, Escuta Atenta, Educação Inclusiva, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Desde a minha infância, venho me constituindo por meio das Artes. Lembro-me que nas festividades escolares eu participava das apresentações culturais de dança, teatro e música, com muito prazer. Foram essas vivências, na infância, que fizeram despertar o interesse em querer participar da Banda de Música Municipal da minha cidade natal, durante a adolescência. Passei pelas aulas

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: brunorafael@outlook.com.br.

² Doutor em Educação e Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves. E-mail: edson.camargo@bento.ifrs.edu.br.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

2

teóricas e práticas, pelos instrumentos como flauta doce e trompete, até compor a mesma com o clarinete, instrumento que eu mais me identifiquei durante aquela jornada. Alguns anos se passaram, e em 2018, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Bento Gonçalves.

Esse desafio resultou na possibilidade de atuar como monitor em uma turma de educação infantil de uma escola de educação especial, na cidade de Garibaldi. Durante o período em que estive como monitor, muitas inquietações permearam o meu fazer pedagógico, entre elas, o processo em que as famílias passavam até chegar na entidade em busca de um olhar acolhedor e sem julgamento. A impressão que eu tinha, e que perdura até hoje, é que de alguma forma, as escolas de educação especial são vistas como um depósito de pessoas excluídas. Essa oportunidade, além de me auxiliar a ver o mundo de outra forma, possibilitou, através da habilidade musical, um contato com as crianças por meio de outras proposições.

Assim, a escolha pela temática se deu a partir de inquietações que foram surgindo ao longo do meu percurso formativo com a educação especial e como “os ateliês” foram se constituindo a ponto de se tornarem potentes propostas pedagógicas, pensando nas crianças como sujeito sócio-histórico cultural, produtoras de cultura, que aprendem com outras crianças e com os espaços, .

Os ateliês e a Reggio Emilia abordadas no decorrer do projeto, estão relacionadas com a proposta pedagógica de Loris Malaguzzi, que aprofundou seus estudos sobre a temática e nos convida a refletir com a arte, os espaços, que , os objetos, e o uso de todas as proposições que são experiências e explorações da vida, dos sentidos e dos significados. O problema de pesquisa deste estudo traduz-se em investigar “como o ateliê enquanto proposta pedagógica qualifica o processo de escuta das crianças na educação especial?”. Nosso objetivo é investigar como o ateliê pode ser potencializador da escuta de crianças que frequentam a escola de educação especial.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

3

O percurso trilhado até aqui está pautado em muitos desafios. No entanto, o meu olhar sempre esteve voltado para as crianças. Procurei aproveitar as oportunidades que surgiam e me qualificar, enquanto docente. Fiz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBEX) e Programa de Residência Pedagógica (RP). As experiências vivenciadas e desenvolvidas por meio dos programas, trouxeram provocações articuladas com a realidade da sala de aula, proporcionando aprendizagens significativas em meu percurso formativo.

O movimento dialógico e dialético oportunizou a mudança de olhares sobre o processo de construção da aprendizagem das crianças, o planejamento pedagógico e as práticas educativas. Percebi que educar requer um diálogo entre as teorias e as práticas no ambiente escolar. Vejo que é preciso compreender melhor a realidade diária das crianças, a fim de pensar e criar possibilidades para um eficiente processo educativo.

Atualmente, trabalho como professor em uma turma de educação infantil em uma escola de educação especial, e percebi que a proposta do ateliê é uma, entre tantas maneiras de contato, oportunidade de me comunicar com as crianças por meio das experimentações com a arte, onde elas possam fazer, ser e sentir, sendo conduzidas e não condicionadas a tal. A pesquisa foi realizada com crianças com deficiências de 4 a 7 anos de idade, que frequentam uma escola de educação especial.

Organizei este artigo em cinco seções na tentativa de sinalizar o percurso do estudo. Na primeira seção, algumas discussões com a Educação Especial, perpassando pela Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007). Na segunda seção, apresento o ateliê como proposta pedagógica tomando como referência os estudos de Hohmann; Weikart, (1997), Gandini, Hill, Cadwell & Schall (2019), Abad (2008), Santos (2018). Na terceira seção, o percurso metodológico foi sustentado por Mascarenhas (2012), Granger (1982), Gil (2002). A análise dos ateliês propostos, que foram divididos em três momentos: a fantasia dos tecidos e das cores, será que é uma caixa? e a natureza



para além das crianças aparece na quarta seção. Por fim, apresento as considerações finais.

1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A perspectiva da educação inclusiva entende que todos os alunos devem estar juntos na escola, compartilhando e aprendendo, pois, a inclusão parte de um pressuposto de cunho político, social, cultural e pedagógico. Dificuldades e lutas sociais são emergentes no âmbito escolar, para combater práticas discriminatórias e procurar alternativas para superar a exclusão. Para entendermos mais sobre a educação especial devemos retomar alguns marcos históricos e normativas relacionados à inclusão.

Com a democratização da escola, todos começaram ter direito ao acesso, porém os grupos considerados “diferentes” dos padrões continuam sendo excluídos. Nesse meio tempo, a escola especial começou a se organizar com o atendimento educacional especializado, substituindo, de certa forma, o ensino tradicional, criando-se instituições especializadas, as escolas especiais.

Conforme a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007), em 1954 foi criada a primeira APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Em 1961 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, fundamentou o atendimento às pessoas com deficiência, dentro do sistema de ensino. Dez anos depois foi promulgada a lei LDBEN, nº 5.692/71, que alterou a lei anteriormente citada, definindo um tratamento especial para os alunos com deficiências, o que não promoveu uma reorganização dos sistemas educacionais.

O Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1973, e se tornou referência pela gerência da educação especial no Brasil, porém não se apresentou nenhuma política pública de acesso universal à educação (BRASIL, 2007).

Na Constituição Federal de 1988, os artigos 205, 206 e 208 preconizam a não discriminação por quaisquer formas, direito à educação, permanência e igualdade de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

5

condições de acesso à escola.

O Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), em sua lei nº 8.069/90, no artigo 55, a Declaração Mundial de Educação para todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994), passaram a influenciar a formulação de políticas públicas de educação inclusiva a partir da década de 1990.

No ano de 1994, foi elaborada a Política Nacional de Educação Especial, promovendo o acesso à turma de ensino regular para os alunos com deficiência que conseguissem acompanhar as atividades.

Ainda em 1994, a Declaração de Salamanca evidenciou a necessidade das escolas regulares banirem atitudes discriminatórias e acolher os educandos independente das suas condições intelectuais, física, social, emocional, entre outras.

A LDB nº 9.396/96, especificamente no seu artigo 59, especifica que as escolas devam organizar seus currículos, métodos e recursos para atender crianças e adolescentes com deficiência. Assim, as instituições escolares passam a construir/pensar em uma escola inclusiva, atendendo as diversidades, por meio do PNE (Plano Nacional de Educação), Lei nº10.172/2001.

Em 2000, as Leis nº 10.048/00 e 10.098/00 e o decreto nº 5.296/04, regulamentaram normas e critérios para a acessibilidade às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, em escolas, como também em espaços públicos.

O Plano de Desenvolvimento da Educação- PDE, em 2007, preconizou a formação continuada dos professores, a implementação de salas multifuncionais e acessibilidade dos prédios escolares, como também a permanência dos alunos com deficiência na escola regular e também no ensino superior, conforme o decreto nº 6.094/2007.

Por meio do Censo escolar, anual, a partir de 2004, podemos ter acesso aos indicadores da educação especial, como por exemplo as matrículas efetuadas, oferta de atendimento educacional especializado, acessibilidade dos prédios escolares, formação de professores, entre outros. E a partir de 2007, pode-se cruzar dados do Censo Escolar com informações de saúde, assistência e previdência social do aluno matriculado.



Dados do Censo Escolar (BRASIL. INEP, 2006), apontam que a maior concentração de atendimentos a alunos com deficiência se dá no ensino fundamental (66,5%), seguido pela educação infantil (16%), esta última possuindo uma maior matrícula nas classes especiais.

Quando abordamos a Política Nacional de Educação Inclusiva, no âmbito da inclusão, temos como principais objetivos o acesso, a participação e a aprendizagem desses alunos com deficiência, transtornos globais dos desenvolvimentos e/ou altas habilidades/superdotação, nas escolas regulares.

De início, se entendia que a educação inclusiva deveria andar de maneira paralela com o ensino regular, porém estudos no campo da educação especial e inclusiva apontam para a necessidade de promover uma reestruturação das escolas.

Entende-se que a educação especial passa a promover os atendimentos às necessidades especiais dos alunos, de maneira articulada ao ensino comum, orientando a organização de redes de apoio, formação continuada e identificação de recursos e serviços (BRASIL, 2007).

Podemos considerar a educação especial uma modalidade de ensino para todos os níveis escolares, pois deverá realizar o atendimento especializado, disponibilizar recursos e serviços para concomitantemente ser realizado em turmas comuns do ensino regular.

Os atendimentos educacionais especializados devem ser ofertados de maneira obrigatória nos sistemas de ensino, visando o desenvolvimento dos alunos com deficiência, e realizados no contraturno das aulas na escola.

2 O ATELIÊ COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

Os ateliês na Educação Infantil, são vetores de “aprendizagens pela ação”, pois as crianças desempenham uma ação sobre o objeto, possui uma interação com as pessoas e constrói novos conhecimentos, sobre si, os outros e o mundo que a cerca (HOHMANN; WEIKART, 1997).

Nos ateliês, o professor possui papel de mediador dos processos de aprendizagens que podem acontecer, tornando-se provocadores de experiências



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

7

que envolvem o sentir, o ser e o conviver. Buscando nos ateliês vastas possibilidades de investigações, observações, experiências, explorações, afetos, diálogos e descobertas, feitas de maneira individual ou coletiva. Segundo Delavald (2013), quando as crianças possuem a ³necessidade de encontrar respostas a questões que as cercam, desenvolvem ações e nesse aspecto os ateliês nos ambientes escolares podem ser utilizados de maneira significativa para promover experiências potencializadoras do tempo/espaço.

Podemos entender os ateliês elaborados na Educação Infantil como uma modalidade de planejamento, uma vez que o professor possui uma intencionalidade inicial, mas que pode ser vivenciada de diferentes formas, um lugar para investigar e experimentar soluções novas e alternativas daquelas que já conhecemos (HOHMANN; WEIKART, 1997).

Considerando os aspectos do grupo de crianças, o professor pode lançar a ideia inicial do ateliê, que não precisa ficar restrito ao trabalho de artes visuais mas pode usufruir das diferentes proposições, musical, sonora, oral, simbólica e dramática (GANDINI, HILL, CADWELL & SCHALL 2019). O tempo de duração dos ateliês não precisa ser definido, pois dependerá da intencionalidade do professor e curiosidade das crianças, podendo ser repetido mais de uma vez. Como o professor atuará como um mediador, por meio da ação intencional, é interessante trabalhar em pequenos grupos, possibilitando às crianças manterem relações mais intensas com seus pares e desenvolvendo a autonomia de cada uma delas.

É importante que a criança seja informada do que vai acontecer, pois assim consegue se organizar temporalmente. Segundo Carvalho (2015), os espaços onde serão criados os ateliês devem ser pensados com antecedência, assim como a organização dos materiais e a disposição deles na sala. Ao pensarmos nos materiais a serem utilizados precisamos considerar a quantidade, os atributos e a faixa etária das crianças. Deve-se, também, pensar na estética da disposição dos materiais, para que possa despertar a atenção das crianças. Para Abad (2008), “instalações

³ Ao trabalhar com crianças, público alvo da educação especial, observo que seu desenvolvimento não pode ser considerado pelas fases do desenvolvimento, sendo necessário conhecê-las para compreender e proporcionar experiências de acordo com as potencialidades das crianças.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

8

efêmeras de jogo”, são propostas que envolvem a seleção de materiais e o planejamento de espaços e contextos, baseados na arte, buscando-se inspiração nos materiais e processos desenvolvidos por esses artistas

Santos (2018) desenvolveu uma pauta de observação para realizar durante os momentos em que se é proposto o ateliê: ações das crianças sobre os objetos individualmente, ações das crianças sobre os objetos com seus pares, interações entre as crianças e transformações dos objetos mediante a ação individual e coletiva da criança.

Diferentes ações fazem com que a arte possa chegar até nós: escolher, brincar, representar, tocar, modificar, experimentar, entre outras. São essas ações que permeiam nossa cultura, sociedade e a maneira de pensar e sentir as obras de arte (GANDINI, HILL, CADWELL & SCHALL 2019). Precisamos atentar para como pensamos e realizamos nossos planejamentos com as crianças, uma vez que consideramos uma gama de ações descritas no parágrafo anterior, onde as atividades não podem ser meras reproduções dos artistas ou simples desenhos para pintar, muitas vezes estereotipados.

Se a arte é entendida como ação, podemos entender que as crianças também o são e nesse sentido podemos refletir sobre como pode se dar a exploração dos materiais, quais os diferentes caminhos que as crianças podem percorrer na exploração de obras artísticas e como nós, professores e professoras, podemos inserir a arte nas nossas escolhas pedagógicas (GANDINI, HILL, CADWELL & SCHALL 2019). Como professores e professoras, se faz necessário termos um olhar especial para como as crianças aprendem e suas particularidades, levando em consideração aspectos como a curiosidade, criatividade, investigação, relações e descobertas. As crianças necessitam de recursos de apoio para elaborarem perguntas, hipóteses e soluções sobre algo. Nas aulas de arte é importante ensinar as crianças a observar e interpretar diferentes imagens (alfabetização visual), provocar as percepções, uma vez que é possível criar situações diversas de análise, observações e questionamentos. Ao mesmo tempo, temos que apresentar às crianças a arte dos nomes mais conhecidos, mas também



apresentar a arte do dia a dia, da cultura da criança, daquilo que o cerca, transmitindo assim, dores, amores, risos e curiosidade (GANDINI, HILL, CADWELL & SCHALL 2019).

A leitura de imagens possibilita que a criança aprenda a observar, reconhecer e pensar sobre elas. Essas imagens podem ser apresentadas de diferentes maneiras: desenho, pintura, fotografia, escultura, entre outras. Pensando sempre na questão da faixa etária, linguagem artística e materiais a serem utilizados o professor também pode ficar atento para as perguntas que as crianças podem fazer por meio das leituras de imagens (GANDINI, HILL, CADWELL & SCHALL 2019). Ao planejar as propostas, podemos oferecer às crianças subsídios para explorar a imaginação ao desenhar, por exemplo, entendendo que não existe uma única forma de representar algo, evitando os desenhos estereotipados, assim poderemos acompanhar as mudanças nas produções gráficas que as crianças apresentarão.

A ideia dos ateliês nos faz um convite para uma reflexão cuidadosa e com muitas camadas de sentido. Loris Malaguzzi, ao aprofundar seus pensamentos sobre, externaliza como essa linguagem é rica, complexa e densa, atribuindo à uma educação expressiva. É um lugar para observar as motivações e as teorias das crianças.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

De acordo com Mascarenhas (2012), a metodologia é utilizada para explicar o que foi e como foi feito durante a pesquisa. O objetivo é descrever o método, os participantes, o tipo de pesquisa e os instrumentos utilizados. Sendo assim, o tipo de pesquisa deste estudo estará configurada em abordagem qualitativa. De acordo com Minayo e Sanches (1993, p.246, apud GRANGER, 1982) “um verdadeiro modelo qualitativo descreve, compreende e explica”, tendo como dimensão o cotidiano, as relações e os discursos.

Quanto ao objetivo do tipo de pesquisa, tendo em vista o objeto de estudo, foi classificada como descritiva, pois “estas pesquisas têm como objetivo maior familiaridade com o problema com vistas a tomá-lo mais explícito ou a construir



hipóteses” (GIL, 2002, p.41).

Quanto aos procedimentos, foram configurados como estudo de caso, que “ é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54). Sendo assim, proporcionou uma melhor compreensão e aprofundamento do tema proposto.

Para tanto, o *lócus* do estudo foi uma Escola Especial pertencente à rede APAE, localizada na região da Serra Gaúcha. A escola possui um total de 80 alunos, divididos nos turnos matutino e vespertino e 38 profissionais, entre professores, monitores, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psiquiatra, assistente social, cozinheiro e serviços gerais.

A produção de dados ocorreu por meio da observação participante a partir da organização e execução de três contextos pedagógicos de ateliês, considerando: grupos, espaços, materiais e intencionalidade. Após o período de observação do agrupamento, identificamos que as crianças manifestaram seus interesses em determinados materiais, dentre os que foram apresentados para elas e estabeleceram relações que ajudaram a pensar nas propostas dos ateliês. Pensamos que a utilização do ateliê envolvendo o corpo e o movimento seria uma possibilidade de comunicação com as crianças, uma vez que aconteceria por meio dos gestos, olhares e pelo contato físico, pois as crianças que fizeram parte do agrupamento participante no momento ainda não verbalizam as suas vontades e contentamentos. Participaram das atividades quatro crianças de 4 a 7 anos de idade. E o planejamento com as propostas dos ateliês segue em anexo.

4 ANÁLISE DOS ATELIÊS PROPOSTOS

Os campos e os artistas que serviram de inspiração para os ateliês, de certa forma, perpassam pelas pesquisas que atravessam o cotidiano do meu fazer pedagógico e que servem de inspiração para muitas narrativas. Com o objetivo de potencializar o processo de escuta das crianças que frequentam a escola de educação especial, apresento uma breve referência dessas inspirações. No campo



da música, por meio dos sons, inspirados por Maria Teresa Alencar Brito, a Teca, em seu livro “Música na educação infantil”, que trata os sons e o silêncio, a percepção do som e o ouvir como elemento que aproxima os sujeitos dos ambientes onde estão inseridos, além de serem expressões da vida, que indicam situações, paisagens sonoras, que são produzidos ou involuntários. O som, sendo tudo que soa, vibra, e que passa pelo corpo e que também pode ser produzido por ele. Nas artes plásticas, Joan Miró, foi um pintor espanhol, que ficou conhecido pelas suas pinturas abstratas e esculturas, usava cores fortes e vivas, gostava de trabalhar com círculos, quadrados e linhas, e incluía as formas orgânicas e elementos da natureza. Lygia Clark, artista Brasileira, que rompeu a ideia de que a arte devia ser apenas observada e convidava os espectadores a participar e interagirem com suas obras, pois para ela, todos têm a capacidade de criar. João Batista Freire, em seu livro “Educação de corpo inteiro” apresenta a ideia de que a comunicação humana acontece antes mesmo na linguagem propriamente dita e afirma que é impossível a separação entre corpo e mente, que o corpo não serve somente para transportar o cérebro para os lugares.

Tomando por base a ideia de articular o corpo e o movimento nos ateliês que seriam propostos, escolhemos as obras “Carnaval do Arlequim” e “Jardim Multicolorido”, de Joan Miró, as proposta de arte interativa da artista plástica Lygia Clark, além de produções dos autores João Batista Freire e Maria Teresa Alencar Brito, uma vez que o que está mais presente nas crianças são os movimentos corporais, as brincadeiras e as interações. Os ateliês foram realizados no período de 10 a 14 de abril de 2023, com crianças de 4 a 7 anos de idade, sendo três possui o transtorno do espectro autista e uma com síndrome de down e as sessões propostas serão analisadas na sequência.

4.1 A fantasia dos tecidos e das cores

A primeira sessão do ateliê foi denominada de “A Fantasia dos tecidos e das cores” e o espaço escolhido para o desenvolvimento da proposta foi realizado na sala referência das crianças. Os materiais utilizados foram: tecidos, retalhos de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

12

panos, tule, pincéis e tintas coloridas nas cores amarelo, azul, vermelho, branco, preto, nas cores das obras de Joan Miró e por meio do corpo e movimento pelas produções do autor João Batista Freire. O grupo foi formado por quatro crianças, acompanhadas do professor e da monitora. Ao chegarem na sala de referência, as crianças perceberam a presença dos tecidos, os retalhos estavam no chão e os de tamanho maior estavam presos no ventilador, posteriormente ganhando forma, ao serem abertos e pendurados nas extremidades das paredes.

Com o movimento do tecido sendo aberto, mostrando suas cores, as crianças vislumbraram as diferentes possibilidades de exploração do material, ao tocar no tecido, puxá-lo, tentar desfazer os nós que mantinha o tecido preso, observaram o balançar natural dos tecidos suspensos, chegando a deitar no chão para a observação.

Segundo Carvalho & Cunha (2022)

A criança não se comporta como nós. Ela investiga, questiona, analisa, toca... ela vê com o corpo todo o que está acontecendo em torno de si. O tempo da criança é diferente do dos adultos; ela não tem pressa, e o que determina o tempo de ver é a curiosidade, além dos estímulos que está sendo visto.(CARVALHO & CUNHA, 2022, p. 157).

Ao corroborar com a ideia de que a criança “vê com o corpo todo”, sustentamos que o ateliê enquanto proposta pedagógica, qualifica o processo de escuta das crianças, ao explorar os espaços e as materialidades com o seu corpo e, por meio dele, faz as suas investigações. No decorrer da exploração, uma das crianças, ao puxar o tecido, fez com que ele caísse de um lado de onde estava preso, e percebeu que a sua ação resultou em outra, pois logo foi erguido e preso onde estava. A criança repetiu inúmeras vezes, quando percebia que ao puxar o tecido caia, e era colocado de volta no lugar, percebendo que a forma como este espaço foi organizado, não necessariamente seria a única possibilidade, fazendo a sua intervenção na composição desse contexto, além de propor movimento para além do que já tinham vivenciado. Eles manusearam os tecidos e os retalhos para criar movimentos, ao jogá-los para cima e organizá-los por cores. Todas as crianças realizaram movimentos de corrida entre os tecidos suspensos, e vivenciarem o



corpo em movimento, e o movimento causado por ele sobre os tecidos.

Segundo Carvalho & Cunha (2022)

Experimental, tocar, observar, representar, modificar, compor... é através de diferentes ações que a arte é feita e chega até nós, enriquecendo nosso universo cultural, questionando o modo de vida da sociedade, possibilitando diálogos entre a nossa forma de pensar ou sentir e as poéticas dos artistas..(CARVALHO & CUNHA, 2022, p. 157).

Acerca disso, e ao afirmar que por meio de "diferentes ações que a arte é feita" o ateliê proporciona experiências potencializadoras para as crianças ao buscarem respostas no tempo, espaço e objetos, por meio das suas múltiplas proposições, entre elas, a imaginativa e a estética. A arte é expressão que se faz com o corpo todo e por meio dele, se comunica com o mundo. A textura do tecido tule, chamou atenção de duas crianças que mantiveram seu foco para sentir a textura diferente que o tecido proporciona, e pela transparência, ao olhar e colocar a mão do outro lado para ver se aquilo realmente estava acontecendo. O encantamento pelos tecidos, o experimentar pelo movimento, a relação estabelecida com o espaço e com os materiais, marcou aquele momento.

Depois de aproximadamente vinte minutos explorando os tecidos, os pincéis e as tintas nas cores amarelo, azul, vermelho, branca e preta foram introduzidas, colocando-as na mesa da sala. As crianças em um primeiro momento não perceberam a introdução do material, sendo necessário conduzi-las. Os adultos incentivaram as crianças a realizar as pinturas e logo elas foram se interessando pelos pincéis, passando a observar as cores, a explorar a tinta com as mãos.

Segundo Bouro (2003),

Nesse processo, o olhar do aluno como interpretante procura observar a pintura como uma segunda realidade, um signo novo, subsidiado pelo pensamento divergente. Buscam também reconhecer visualmente os elementos estruturais da linguagem plástica (ponto, linha, forma, cor, espaço, superfície, composição), relacionando-os entre si para descobrir, a singularidade de cada composição, não só elementos formais, mas o conteúdo por eles revelado.(BOURO, 2003, p. 17).

Na perspectiva de pensar a pintura como uma segunda realidade, atrelamos a uma das formas de comunicação, e ao abrir essa porta, outras realidades poderão



ser descobertas, vivenciadas ou sentidas. O ateliê como experimentações artísticas das crianças com muitas hipóteses a serem criadas. À vista disso, duas crianças utilizaram o pincel e o tecido como referência para realização da proposta, realizaram rabiscos na horizontal, vertical e diagonal, solicitaram para trocar as cores após utilizar uma vez, percebendo o espaço, o contato com linguagem plástica e a composição de seus processos poéticos de experimentação. Enquanto as outras, iniciaram com as mesmas referências, mas logo foram tomadas pela vontade de utilizar o seu corpo como elemento de pintura. Passaram tintas nas mãos, observaram e sentiram o momento, levando-as também à boca. As crianças em suas infâncias, fazem as suas descobertas pelo corpo, ao tocar, sentir, pular, elas estão plenamente acessíveis para explorar o mundo.



Imagens 1 e 2: Ateliê a fantasia dos tecidos e das cores.

Fonte: Acervo do autor, 2023.

4.2 Será que é uma caixa?

A segunda sessão do ateliê foi denominada de “Será que é uma caixa?”, tomando como referências as obras de Lygia Clark, nas características da arte interativa e sensorial, Maria Teresa Alencar Brito, a Teca, pelos sons que aproximam os sujeitos dos ambientes, tintas coloridas nas cores amarelo, azul, vermelho, branco, preto, nas cores presentes nas obras de Joan Miró. Esta proposta foi realizada na sala de referência das crianças com os seguintes materiais: caixas de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

15

papelão de tamanho pequeno, médio, grande em diferentes formatos, tinta azul, verde, amarelo, vermelho, branco, preto, pincéis de elementos da natureza, luzes coloridas, lanterna, e tela de projetor. As caixas e a tela do projetor estavam organizadas na sala de referência para o acolhimento das crianças na sua chegada. O grupo foi formado por quatro crianças, acompanhadas pelo professor e a monitora da turma.

As mesmas chegaram aos poucos na sala e de maneira individual. As caixas não causaram estranhamento, como também não chamou atenção das crianças. Quando as quatro crianças chegaram, foram convidadas a manusear as caixas, que estavam empilhadas uma em cima da outra, uma das crianças ao perceber que não iriam utilizar os materiais que estavam dentro dos armários, passou com a mão pelas caixas para derrubá-las.

Segundo Machado (2010, p.127), “quanto mais rico o ‘menu’ de degustação do mundo [e] quanto mais diversidade de experiências proporcionadas [...] para [a] criança pequena, mais repertórios ela colecionará para usufruir e reinventar o mundo”. Foi assim que começou o interesse das crianças e as suas narrativas. O ateliê é percebido pelas crianças a partir das possibilidades que ele proporciona para que possam se comunicar. Ao cair as caixas no chão, as crianças começaram a entrar nelas, onde duas crianças ficaram dentro da mesma caixa, estabelecendo relações e deixando em evidência como elas aprendem com os seus pares. Ao passo em que uma criança entrou na caixa, a outra foi atrás. Elas brincaram de levantar e abaixar, ao fazerem isso, perguntávamos e chamávamos por elas, que vislumbravam o faz de conta, as brincadeiras simbólicas, e de experiências corporais expressivas. As caixas pequenas foram referência para empilhar, e sentíamos que elas achavam o máximo quando não alcançavam mais e, ao tentar colocá-las novamente, as caixas caíam e elas começavam tudo de novo. Foi muito importante observar que as crianças não cansavam de tentar, e fazem isso com muita leveza, o que as tornam potentes pesquisadoras.

As caixas médias também se transformaram em abrigo das crianças, que se organizaram uma atrás da outra e logo que uma criança entrou, perceberam que



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

16

cada um teria que encontrar a sua caixa para entrar e simular que estavam em um trem.

Após vinte minutos de brincadeiras com as caixas, e ao passo que as crianças iam perdendo o interesse por elas, foi introduzida uma lanterna e as luzes da sala apagadas, mas ainda entrando claridade do sol pelas janelas. As crianças não perceberam como um problema a troca de ambientalização. A luminosidade da lanterna despertou o interesse das crianças, aproximando-as umas das outras, e se tornou um objeto de disputa por elas. Projetaram a luz da lanterna nas caixas, causando curiosidade das sombras percebidas na tela do projetor. Neste momento as crianças foram incentivadas a empilhar as caixas novamente, para observarem o que poderia acontecer, ampliando assim o interesse pelas sombras.

Para Gandini (2012) faz-se necessário proporcionar para as crianças espaços que ampliam as suas possibilidades e aguçam o interesse para as suas pesquisas e explorações:

O ateliê tinha que ser um espaço para pesquisar motivações e teoria das crianças a partir das suas garatujas, um lugar para explorar variações em instrumentos, técnicas e materiais que usamos para trabalhar. Tinha que ser um lugar que favorecesse os itinerários lógicos e criativos das crianças, um lugar para se familiarizar com semelhanças e diferenças entre as linguagens verbais e não verbais (GANDINI, 2012, p.22).

Desta forma, este foi um lugar para familiarizar as crianças, um ambiente de relações a partir das suas tentativas, ao explorar as possibilidades de estabelecer comunicação pela luminosidade, sombra e dos projetos de uma comunicação com o espaço e com os seus pares, sem ouvirmos uma única palavra, somente pelo que transbordava pelo corpo das crianças. Uma delas, projetava enquanto as outras demonstravam o encanamento pelas sombras. Elas empilhavam e indicavam com os dedos para que olhássemos a sombra na tela do projetor. Não ouvíamos palavras, mas víamos mais uma vez, os corpos sinalizando as descobertas. Essa mesma criança ao perceber que a lanterna projetada dentro da caixa aumentava a luminosidade, entrou na mesma para brincar e testar essa possibilidade, fazendo com que os outros colegas quisessem vivenciar a experiência. As atividades até



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

17

então, não tinham proporcionado um momento em que todas as crianças estivessem juntas interessadas pela mesma proposta. Isso aconteceu com a luminosidade da lanterna. Todas juntas, unidas por uma descoberta feita por elas. As crianças criam as suas teorias e as colocam em prática, em um piscar de olhos.

Após, foi introduzida a luz de led colorida, mas mesmo assim não houve desinteresse pela lanterna. Somente uma criança sentiu-se atraída pela luz de led, girando-a, para observar o movimento colorido realizado. Essa foi mais uma possibilidade enquanto professor de ouvir, me aproximar e apoiar o interesse das crianças. Compreender esse intercâmbio entre a criança e o material introduzido para as suas investigações. De acordo com Lella Gandini, apud Charles Schwall (2019, p. 50)

Os primeiros encontros das crianças com os materiais envolvem exploração. Esse passo é necessário no processo de compreensão das crianças. Por meio desses encontros e explorações, elas se conscientizam sobre o que pode acontecer com os materiais, e os adultos desenvolvem a capacidade de observar e apoiar o significado de cada experiência específica. (GANDINI, 2012, p.13).

Foi pensando nos primeiros encontros, e na exploração dos materiais que finalizamos a composição do ateliê, essa diversidade de materiais adentrando a sala de referência das crianças, uma desorganização organizada. Foram dispostos em uma mesa, elementos da natureza (galhos, flores e folhas) e tintas têmpera nas cores, amarela, branca, preta, verde, azul e vermelha. Na medida que as crianças iam projetando a lanterna nos elementos da natureza, telas feitas de caixa para pintura foram compondo o cenário, o que também, não causou estranhamento nas crianças. À este passo dado, compreendemos que ao ouvirmos as crianças, os seus interesses, elas retribuem transmitindo à aceitação dos diferentes materiais adentrando na sala, e se transformando em um cenário para mais investigações.

As crianças foram conduzidas a utilizar os elementos da natureza como pincéis, para realizar as pinturas nas caixas, de maneira individual, escolhendo qual elemento e cor gostariam de utilizar nas suas pinturas. Uma das crianças quis realizar a pintura em mais de uma caixa O interesse em serem os artistas



atravessou a sala de referência, as proposições artísticas tomaram conta para realizar os registros. As plantas e os galhos não tinham a mesma consistência dos pincéis, e as crianças usavam da força para passar a tinta tanto nas folhas, como nas telas.

De acordo com Veia Vecchi, apud Lynn Hill (2019, p. 96)

O ateliê tem duas funções. Em primeiro lugar, é um espaço onde as crianças podem tornar-se mestres em todos os tipos de técnicas, como pintura, desenho e trabalho em argila. Em segundo lugar, auxilia os adultos a compreender o processo de como as crianças aprendem. Ele ajuda os professores a entender como as crianças inventam os veículos autônomos de liberdade expressiva, liberdade cognitiva e liberdade simbólica, e caminhos para a comunicação. O ateliê tem um efeito importante, provocador e perturbador sobre as antigas ideias de ensino (VECCHI, 2012, p 304).

A expressividade, a comunicação expressiva, a liberdade para que as crianças possam explorar e construir novos conhecimentos, mesmo com a intencionalidade do professor, as crianças podem mudar os percursos, tudo é novo para elas. Deve-se levar em consideração a grandeza dos seus pensamentos, suas ideias, suas hipóteses.



Imagens 3, 4 e 5: Ateliê será que é uma caixa?

Fonte: Acervo do autor, 2023.

4.3 A natureza para além das crianças

A terceira sessão do ateliê foi realizada no dia 14 e denominada de “A natureza para além das crianças”. Foi realizada na sala de referência, com os



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

19

seguintes materiais: troncos de madeiras, bambolês, fita durex, tintas naturais, colorau, folhas, flores e gravetos, coco, chocalhos, pau de chuva, tomando por base as propostas de João Batista Freire, ao propor uma educação de corpo inteiro, alinhando com a Maria Teresa Alencar Brito, sobre a percepção dos sons por meio dos materiais, e Joan Miró, trabalhar com círculos, quadrados e linhas, e incluía as formas orgânicas e elementos da natureza. O grupo foi formado por duas crianças, acompanhadas do professor e da monitora da turma.

A sessão teve início com a sala de referência já organizada para recebê-las, tendo disposto os troncos de madeiras e chocalhos. Uma das crianças chegou antes na sala e ao se deparar com os troncos de madeira que estavam em pé, começou a organizá-los deitando um por um. Esses troncos de madeira foram cortados de forma que parecem “bolachas”, com espessura de uns dez centímetros. Ao terminar de deitá-las, a criança observou que a disposição das “bolachas” estavam em forma circular, começando então a caminhar sobre as madeiras, seguindo o movimento circular. A segunda criança ao chegar na sala, foi direto para o pau de chuva, balançava-o, erguia-o ao perceber o seu som, e sorria.

De acordo com Veia Vecchi, apud Lella Gandini (2019, p. 12)

O prazer de aprender, conhecer e entender é um dos sentimentos mais importantes e básicos que cada criança espera receber da experiência que está vivenciando sozinha, com outras crianças ou com adultos. É um sentimento construtivo que deve ser reforçado para que o prazer ligado a ela dure, mesmo quando a realidade mostrar que aprender, conhecer e entender podem ser difíceis e demandar esforço. É por meio dessa capacidade de superar a dificuldade que o prazer se transforma em alegria. (VECCHI, 1987, p. 22).

Esse prazer em aprender atravessa o cotidiano das crianças por meio dos sentidos, dos movimentos, do corpo, pelos gestos, pela sonoridade, pelo que as crianças veem ao seu redor. Neste caso, os elementos sonoros, que despertaram o interesse das crianças, onde as mesmas, realizaram diferentes movimentos com os chocalhos, para descobrir os sons que vinham deles. Um chocalho pequeno, revestido de palha, despertou a curiosidade de uma das crianças pela textura e barulho, mantendo-o concentrado na exploração. Na alça, tentava puxar para abrir



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

20

o chocalho, e ficava irritado por não conseguir, mas, o que será que descobriríamos se abrissemos? Ele pegava os outros elementos sonoros, e voltava para o chocalho para fazer a sua investigação sobre aquele material, ele ouvia o som, mas o que tinha dentro o deixava inquieto.

Como sujeitos implicados em sua própria aprendizagem, as crianças não recebem prontas as informações que lhes são apresentadas: elas se apoiam nos recursos de que dispõem no momento para perguntar, levantar hipóteses, buscar soluções inteligentes para atribuir significado a objetos, relações e fenômenos que as cercam (CARVALHO; KLISYS; AUGUSTO, 2006, p. 26).

Ao fundamentar que as crianças buscam soluções sobre as suas inquietudes, é necessário escutá-las, mas essas escutas vão além do sentido de ouvi-las auditivamente. Necessitamos compreender as manifestações das suas múltiplas proposições. Para incentivar essas buscas, tintas foram introduzidas posteriormente aos chocalhos, bem como outros elementos da natureza (flores e folhas), para que as crianças pudessem explorá-los por meio do tato.

Uma das duas crianças sentiu-se atraída pelos elementos introduzidos por último, demonstrou estar segura para explorar com as mãos o colorau, a farinha de milho, flores e água. Cheirou, passou as misturas no rosto, braços, tentou comer a flor, o colorau e a farinha de milho. O ateliê permite que as crianças sejam protagonistas das suas produções, ao passo que passam de telespectadoras para propositoras artísticas, revelando todas as construções e belezas dos percursos vivenciados por elas.



Imagens 6 e 7: Ateliê a natureza para além das crianças.

Fonte: Acervo do autor, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre as experiências das crianças com elementos da natureza e arte, descobrimos que por meio delas as crianças fazem as suas investigações neste mundo, pensamos nas possibilidades ao olharmos para elas no hoje, e não em sujeitos que estão por vir, enxergando-as como produtoras de cultura, que aprendem com seus pares, com os espaços, por meio do corpo e dos movimentos.

Ao percebermos o tempo de interesse das crianças, organizamos os espaços, as materialidades, olhando as suas singularidades. A cultura do ateliê promove a pesquisa, as relações e interações que se expressam por meio das múltiplas proposições. As crianças, no seu tempo, exploraram, investigaram, descobriram movimentos ao utilizar os materiais, expressaram-se por meio das pinturas, das descobertas, das relações estabelecidas com as outras crianças e da curiosidade pelas sombras, pelas cores, pelas formas.

A análise de dados perpassou por três momentos em que os ateliês foram propostos. A fantasia dos tecidos e das cores, Será que é uma caixa?, e A natureza para além das crianças. Nelas as minhas reflexões sobre os corpos, o movimento,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

22

as cores, traços e os sons que estiveram presentes em todas as propostas, sobretudo novos olhares sobre as experimentações das crianças. Ricardo Petter, escreveu a música chamada “Amor e mais cem”, inspirada no poema “As cem linguagens das crianças”, de Loris Malaguzzi, que diz “[...]Toda criança é feita de cem, toda criança é feita de amor e mais cem. Toda criança tem nas mãos, toda criança tem no olhar, toda criança tem cem maneiras de pensar, de dizer, de comunicar [...] Cem alegrias para cantar, cem melodias para aprender, toda criança tem cem mundos para inventar, para descobrir, para sonhar.”.

Nesta proposta, viajei com as crianças, tornei-me um apaixonado pela proposta do Ateliê, levando para minhas rodas de conversa com amigos, colegas docentes e familiares, que todos os elementos mencionados fazem parte da cultura do ateliê, e não um modismo pedagógico. As crianças se expressam por meio das experimentações com a arte, atreladas ao olhar, sentir, cheirar, escutar e tocar, sustentados por professores competentes, e sobretudo, por profissionais que assumiram um compromisso social ao escolher a docência como profissão.

Diante do exposto nesta pesquisa e considerando que nenhuma das crianças que participou das propostas manifesta seus desejos, inquietações e insatisfação pela verbalização, o ateliê corrobora e sensibiliza a escuta atenta de seus interesses. Consideramos que o ateliê, enquanto proposta pedagógica, potencializa o processo de escuta das crianças que frequentam a escola de educação especial e que as inteligências múltiplas, estimuladas por meio dos ateliês, podem provocar inquietações, escuta, relações e a busca por respostas pelas crianças, pois percebemos momentos em que as crianças faziam seus percursos correndo entre os tecidos, onde a luminosidade da lanterna aproximou o grupo e aguçou a curiosidade pelas sombras, as caixas, nas investigações das crianças, foi o lugar mais escuro na sala que elas encontraram para projetar a luz da lanterna, os troncos nos movimentos circulares, nas cores presentes ao utilizarem para fazer os registros de pintura, nos tecidos, nas caixas, no próprio corpo e por meio materiais, exploraram os sons produzidos por eles.

Carrego comigo o compromisso que Loris Malaguzzi assumiu em promover



uma educação de qualidade para as crianças, o cuidado e o direito a ter direitos, e que estes sejam respeitados. Por fim, esses foram os resultados obtidos, e que esta pesquisa possa servir como material de apoio com futuras pesquisas sobre o tema que podem subsidiar outras propostas de pesquisa no que diz respeito aos Ateliês como proposta pedagógica na área da educação, sobretudo na educação infantil e educação especial.

REFERÊNCIAS

ABAD, Javier Molina. Iniciativa de Educación. **Artística a través del arte contemporáneo para la Escuela Infantil (3-6 años)**. Madrid: UCM, 2008.556. Tese - Departamento de Didáctica de la Expresión plástica, Facultad de Bellas Artes, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2008.

BOURO, Anamelia Bueno. **Olhar em construção: uma experiência de ensino aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. INEP. **Censo escolar**, 2006. Disponível em: <[http://Divulgados_os_resultados_finais_do_Censo_Escolar_2006 — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep \(www.gov.br\)](http://Divulgados_os_resultados_finais_do_Censo_Escolar_2006_-_Instituto_Nacional_de_Estudos_e_Pesquisas_Educacionais_Anísio_Teixeira_|Inep_(www.gov.br))>. Acesso em: 20 de out. de 2022.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 5.692, de 11 de agosto de 1971.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Entre as culturas da infância e a rotina escolar: em busca do sentido do tempo na Educação Infantil**. Revista Teias, v. 16, n.41, p.124-141.abr/jun.2015.

CARVALHO, Silva Pereira de; KLISYS, Adriana; AUGUSTO, Silvana (org.).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

24

Bem-vindo, mundo! Criança, cultura e formação de educadores. São Paulo: Peirópolis, 2006.

DELAVAL, Carini. **A infância no encontro com a arte contemporânea: Potencialidades para a educação.** (Mestrado em Educação) - UFRGS, 2013.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn T.; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOHMANN, Mary; WEIKART, David P. **Educar a criança.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

MACHADO, Mariano Marcondes. **Espiralidade: arte, vida e presença na pequena infância. Currículo sem fronteiras,** v. 20, n. 2, p. 348-371, maio/ago. 2020

MASCARENHAS, Sidnei A.: **Metodologia Científica,** editora Pearson Education do Brasil, 2012. São Paulo.

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? **Cad. saúde públ,** Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

SANTOS, Nathalia Scheuermann. **Arquiteturas efêmeras de jogo na educação infantil: crianças e arte contemporânea.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - UFRGS, 2018.



ANEXO

PLANEJAMENTO DE ATELIÊS

Turma: Educação infantil Faixa Etária 4 anos

Professor/a: Bruno Rafael da Fonseca Dias

1) Ação observada

O processo de escuta e identificação da demanda das propostas dos ateliês, estão pautadas nas possibilidades e incentivo aos processos de investigação vivenciados pelas crianças. Esses processos se deram a partir das brincadeiras e descobertas das crianças, das relações com os espaços, objetos (que foram levados para sala referência), com adultos e com as próprias crianças, além de levar em consideração o tempo de interesse pelos objetos apresentados a elas. Durante este período, foi observado a relação das crianças com os materiais, que foram disponibilizados no centro da sala. Essas ações foram observadas no período de duas semanas consecutivas, e possibilitaram algumas narrativas por meio de diferentes proposições. Dentre os materiais que foram levados para sala referência, os que mais chamaram a atenção das crianças foram os tecidos, tule e tnt, que por sua vez viraram acessório das crianças nas brincadeiras e interações. Esses materiais foram apresentados em pequenos retalhos e com cores diferentes, cores quentes e frias, percebi que uma das crianças se interessou mais pelo tule, o que me levou a pensar que este material tinha uma textura diferente, por isso chamou a sua atenção. Ele ficou próximo desse



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

26

material pelo período de 20 minutos, mais ou menos, e quando alguma criança chegava ou era incentivada a utilizar o mesmo material, deixava irritado. Outra criança, pegava os retalhos mais finos e procurava objetos para que fosse amarrado na ponta para que pudesse ficar girando com a sua mão. As outras duas crianças utilizaram mais o faz de conta, ao tentar se esconder debaixo dos retalhos maiores, fingir de pegar o outro colega e ao amarrar retalhos maiores em seus pescoços, corriam pela sala, instigado a serem super heróis e brincamos de jogar os retalhos para cima, por alguns minutos. Nessa atividade, o contato com os materiais, me fizeram pensar, para além das atividades que foram realizadas pelas crianças, em outras possibilidades, com tecidos maiores, que pudessem se transformar em cabanas, com tecidos com estampas, com diferentes larguras e comprimentos, além dos retalhos que foram apresentado para elas. Essas reflexões desencadearam alguns ensaios, pois as crianças exploraram o material, utilizaram o corpo ao se movimentarem pela sala com os acessórios, fizeram tentativas de interações, mesmo que estimuladas por um adulto, e tiveram interações naturais da própria convivência. No contato com os troncos, as crianças tiveram uma maior interação, porém, uma das crianças fazia o movimento a fim de deixar os troncos sempre em pé, pois as outras crianças, transformaram em um objeto rodante, colocando-os deitado e giravam pelo chão da sala. Ao fazerem isso, eles solicitavam que um dos adultos presente na sala fizesse também, tanto para rodá-los, como para deixá-los em pé, o que me fez perceber, que em relação às propostas de materiais apresentados, esse foi o que mais as crianças buscaram ajuda e referência dos adultos para as brincadeiras. Não nos opomos, brincamos, sugerimos deixar o tronco de pé como o colega insistia em colocar, para subirmos, tentar se equilibrar, pular e rolar pelo chão da sala como os troncos. As caixas, por sua vez, também ganharam muito espaço durante as brincadeiras e interações entre as crianças, elas foram colocadas no centro da sala, antes das crianças chegarem. Elas foram empilhadas por tamanho, e ao chegaram na sala, elas foram todas para o chão, pelas duas crianças que chegaram juntas na sala, e ali ficaram sem muita utilidade, acredito que por estarem empilhadas, elas ficaram irritadas, mas logo encontraram, nos armários da sala, algo que chamasse a atenção deles naquele momento. As outras duas crianças chegaram no período de 15 minutos depois do que as outras, e as caixas ainda estavam no chão, sem que as crianças dessem muita atenção. Uma das crianças se aproximou, e como mediador daquela atividade, coloquei ela dentro da caixa e brincamos de puxá-la pela sala como se estivesse dentro de um carro, as crianças logo começaram a demonstrar interesse pela brincadeira e queriam ser puxadas também. Elas colocaram as caixas na cabeça, tentaram entrar em várias, com sugestão, empilharam também. As tintas guaches foram disponibilizadas na sala, onde as crianças puderam explorá-las e senti-las, foram disponibilizadas junto com argila, folhas de desenho, pincéis, água e as folhas, estávamos preparados para as pesquisas das crianças e para a bagunça também. As crianças apresentaram o interesse inicial pelas tintas e pelos pincéis, mas não demorou muito para deixarem os pincéis de lado e começarem a utilizar as mãos. Sobre as folhas, espalharam as tintas com as mãos, sem muita atenção para as cores. Pintaram até que uma das crianças começou a comer as tintas e tivemos que retirar, oferecendo outro elemento, no caso a água em um pote. As outras crianças, antes desse fato, também exploraram a pintura, com pincel e com as mãos, pintaram as folhas de desenhos e seus rostos. Condiçamos os alunos para que brincassem com as argilas, o que despertou o interesse, em amassá-la, misturar com água, tentaram passar o pincel, tentaram pintar as folhas de desenhos, e



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

27

a mesma criança que tentou comer a tinta também tentou comer a argila, deixamos ela com o pote com água novamente, e as outras crianças começaram a passar a argila pelo corpo, pelo corpo dos colegas e dos adultos. Ficamos em torno de 40 minutos explorando as tintas, a água e a argila. Dava para ver em alguns momentos, o estranhamento das crianças ao sentir e ver a argila em seu corpo, mas continuavam. A curiosidade em passar a tinta por cima da outra na folha de desenho, a surpresa ao colocar a argila junto com a água marcaram aquela tarde. Criamos muitas memórias afetivas ao realizar essa atividade, e para finalizá-la, demos banho de mangueira nas crianças, que se divertiram, pularam, observavam a água caindo e saindo da mangueira. Flores e gravetos foram coletados nas proximidades da escola, com tampas de garrafas, cestas com tamanhos diferentes. Nessa atividade, tínhamos apenas três crianças, pois uma faltou naquele dia. Uma criança tentou riscar a parede com os gravetos, o que me parecia entender aquele objeto como o pincel, a outra criança organizou as flores uma ao lado da outra, e a terceira criança, buscava o adulto para procurar uma corda para que pudesse amarrar o graveto para ficar girando com a sua mão. As atividades, com objetos pequenos, e retalhos desencadearam o interesse por esse movimento, pensando no contexto geral, essa proposta, as crianças brincaram de forma isolada, cada um com o material que escolheu. As tampas e as cestas não atraíram a atenção das crianças, tentamos utilizar nas brincadeiras de cada uma, porém não aceitaram. A criança que faltou nesse dia, em relação às outras, é a que mais faz movimentos para que haja interação entre eles e normalmente busca o contato das outras crianças, o que me fez pensar em utilizar os gravetos e as flores novamente, a partir da relação de uma referência de interação que não estava naquele dia. Utilizamos utensílios domésticos como panelas, copos de plástico, bacias e colheres, além de instrumentos musicais organizados junto com esses materiais. As crianças foram direto nos instrumentos, que por sua vez, tinham tambor, bumbos, pratos, flauta. As crianças foram passando e utilizando os materiais, apenas uma criança fez a atividade de sopro nas flautas, outras duas, utilizaram os que conseguiam com as mãos, e outra criança interagiu com o prato, o que demonstrava estar incomodado com o barulho, o que nos fez tomar a decisão de retirar alguns instrumentos. Sobre os utensílios, duas crianças foram para as brincadeiras simbólicas, temos um pia na sala, e levamos a nossa mão para colocar água dentro, com as colheres e com os copos brincamos no faz de conta que iremos tomar como se fosse uma sopa e suco. Aos poucos fomos retirando os instrumentos que estavam na sala e ficamos apenas com os utensílios domésticos. Um dos alunos nos levou até onde ficava as tintas, para pegarmos e colocarmos na água, fizemos isso, observamos, a tinta, com as mãos eles ajudaram a dissolver na água e introduzir os animais de brinquedo o que ajudou na brincadeira e interação das crianças. A partir do interesse das crianças, da relação com os seus pares e com os materiais, os espaços serão organizados para que as crianças possam explorar as suas proposições, denominadas de ateliês. Todos os materiais levados para sala, além de fazerem parte do processo de observação das ações das crianças, concomitantemente fizeram parte do processo de escuta delas, que iniciou antes do ateliê propriamente dito. As crianças com esses materiais, exploraram e perceberam que são materiais seguros para utilizarem, proporcionaram momentos de interações com os seus pares e permitiu que elas vivenciassem diferentes formas de contato e de expressão.



2) Inspirações do Ateliê

Os campos e os artistas que serviram de inspiração para os ateliês, de certa forma, perpassam pelas pesquisas que atravessam o cotidiano do meu fazer pedagógico, e que servem de inspiração para muitas narrativas. Com o objetivo de potencializar o processo de escuta das crianças que frequentam a escola de educação especial, apresento uma breve referência dessas inspirações. No campo da música, por meio dos sons, inspirados por Maria Teresa Alencar Brito, a Teca, em seu livro “Música na educação infantil”, que trata os sons e o silêncio, a percepção do som e o ouvir como elemento que aproxima os sujeitos dos ambientes onde estão inseridos, além de serem expressões da vida, que indicam situações, paisagens sonoras, que são produzidos ou involuntários. O som, sendo tudo que soa, vibra, e que passa pelo corpo e que também pode ser produzido por ele. Nas artes plásticas, Joan Miró, foi um pintor espanhol, que ficou conhecido pelas suas pinturas abstratas e esculturas, usava cores fortes e vivas, gostava de trabalhar com círculos, quadrados e linhas, e incluía as formas orgânicas e elementos da natureza. Lygia Clark, artista Brasileira, que rompeu a ideia de que a arte devia ser apenas observada e convidava os espectadores a participar e interagirem com suas obras, pois para ela, todos têm a capacidade de criar. João Batista Freire, em seu livro “Educação de corpo inteiro” apresenta a ideia de que a comunicação humana acontece antes mesmo na linguagem propriamente dita e afirma que é impossível a separação entre corpo e mente, que o corpo não serve somente para transportar o cérebro para os lugares.

3) O ateliê proposto



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

29

Joan Miró, em sua obra “Carnaval do Arlequim”, apresenta cores fortes e vivas e na obra "Jardim Multicolorido”, retrata a natureza. Utiliza em suas obras traços simples e muitas cores, traços esses primitivos que se assemelham a traços infantis. Lygia Clark, por sua vez, apresenta características de arte interativa e sensorial, o que podemos atribuir os sentidos nas propostas que serão desencadeadas, além de integrar o corpo à arte, de forma individual ou coletiva. Esse corpo, que para João Batista Freire, em “Educação de corpo inteiro”, reitera que a comunicação humana acontece antes mesmo da linguagem propriamente dita, por meio do corpo, do olhar, do choro, e por todas as emoções que transbordam pelo nosso corpo, o que nos aproxima e possibilita qualificar o processo de escuta das crianças, alinhando com Maria Teresa Alencar Brito, a Teca, ao ouvir os sons, o silêncio e a percepção dos sons como uma forma de comunicação. As propostas estarão articuladas, onde os artistas e autores irão atravessar as propostas dos ateliês, desencadeadas pelas obras de Joan Miró, articulando as ideias à natureza, utilizando os sons, o corpo e o movimento como elementos para as propostas. Diante disso, o ateliê proposto será denominado de corpo e movimento, que por meio dele, pode sentir, explorar, ouvir, criar e reinventar.

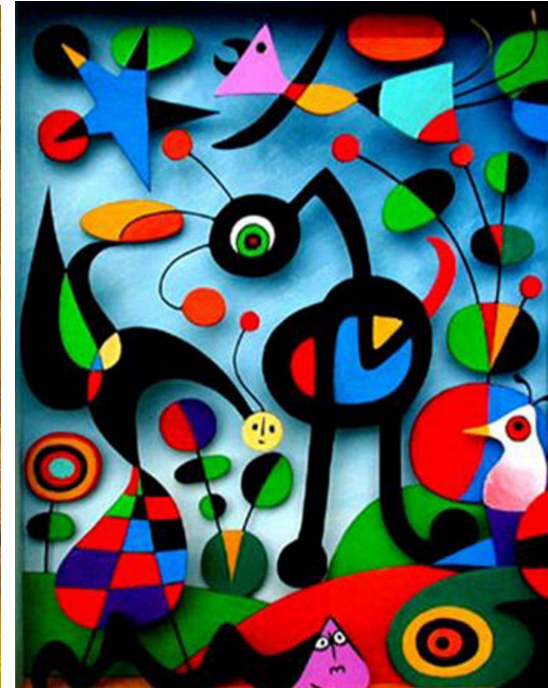


Figura 1: (Joan Miró/ Carnaval do Arlequin/1925/Óleo sobre tela)

Figura 2: (Joan Miró/ Jardim Multicolorido/ 1977/ Abstração Lírica)

4) Fundamentos teóricos que sustentam a proposição do ateliê

Em 1965, em Reggio Emilia, Loris Malaguzzi voltava o seu olhar para a valorização das proposições das crianças, e para este espaço, definiu o termo francês atelier, que apresentava uma ideia de laboratório, transformações, e construção das expressões das crianças e das suas comunicações. A ideia do Ateliê pensada por Loris Malaguzzi, seria um lugar para pesquisar as motivações e as teorias das crianças e que elas pudessem explorar diversos materiais, que pudessem se familiarizar com as diferentes proposições, formais e não formais, assim constituindo os ateliês como espaços que aproximam do cotidiano, e que essas proposições não fossem separadas da vida, e a criatividade fizesse parte do dia a dia das crianças. Estarei utilizando nas zonas de investigação as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNEI que favorece a



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

31

imersão das crianças nas diferentes proposições, os dois eixos que estruturam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil, que são as interações e as brincadeiras, bem como os campos de experiência que compõe a mesma, O eu o outro e nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

5) As propostas do ateliê

Atividade	Organização dos Materiais e do Espaço	Organização do Tempo e dos Grupos	O que e como será observado e registrado
1° A fantasia dos tecidos e das cores	Iremos utilizar tecidos, retalhos de panos, lã e tinta guache, nas cores amarelo, azul, vermelho, branco e preto e pincéis. A sala de referência será utilizada para a realização da atividade.	Teremos um grupo de 4 crianças e dois adultos. A atividade irá iniciar às 13h30min, e terá duração máxima de 40 minutos, dependendo do interesse apresentado pelas crianças.	Como as crianças representam e utilizam as texturas, a transparência, as cores e como elas estabelecem relações e expressões por meio das pinturas, das cores, do corpo e do movimento. Os registros serão feitos por meio de anotações e fotos.
2° Será que é uma caixa?	Iremos utilizar caixas de vários tamanhos e formatos, tinta azul, verde, amarelo, vermelho, branco e preto, pincéis de elementos da natureza, luzes coloridas e lanternas. Sons na tv de animais, vento, chuva.	Teremos um grupo de 4 crianças e dois adultos. A atividade irá iniciar às 13h30min, e terá duração máxima de 40 minutos dependendo do interesse apresentado pelas crianças.	Como as crianças criam as suas narrativas sobre o faz de conta e como elas conversam com o espaço, materiais e seus pares. Os registros serão feitos por meio de anotações e fotos.
3° A natureza para além das crianças	Iremos trabalhar com troncos de madeiras, bambolês, fita durex, tintas	Teremos um grupo de 4 crianças e dois adultos. A atividade irá iniciar às	Quais repertórios e possibilidades as crianças irão



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

32

	naturais, colorau, folhas, flores e gravetos, côco, chocalhos, pau de chuva.	13h30min, e terá duração máxima de 40 minutos, dependendo do interesse apresentado pelas crianças.	utilizar por meio da sonoridade e da natureza ao sentir, tocar e experimentar. Os registros serão feitos por meio de anotações e fotos.
--	--	--	--

6) O planejamento semanal

---- A organização semanal / a rotina do grupo

As crianças que utilizam o transporte escolar chegam às 13h10', e as crianças que os pais utilizam o transporte próprio, chegam entre 13h10' e 13h30'.

Segunda-feira:

Entrada às 13h10'.

Ateliê nº 1: A fantasia dos tecidos e das cores.

Lanche das 15h às 15h30'.

16h15' Higiene/ troca de fralda.

Saída às 17h.

Terça-feira:

Entrada às 13h10'.

Das 14h30' às 15h professora de educação física na turma.

Lanche das 15h às 15h15'.

16h15' Higiene/ troca de fralda.

Saída às 17h.

Quarta-feira:

Entrada às 13h10'.

Ateliê nº 2: Será que é uma caixa?

Das 13h50' às 14h30' TO (terapeuta ocupacional) individual com um aluno.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

33

Das 14h30' às 15h TO (terapeuta ocupacional) na turma.
Lanche das 15h às 15h15'.
16h15' Higiene/ Troca de fralda.
Saída às 17h.

Quinta-feira:

Entrada às 13h10'.
Das 14h30' às 15h Professora de música na turma.
Das 15h às 15h15 lanche.
16h15' Higiene/ Troca de fralda.
Saída às 17h.

Sexta-feira:

Entrada às 13h10'.
Ateliê nº 3: A natureza para além das crianças.
Lanche das 15h às 15h30'.
16h15 Higiene / Troca de fralda.
Saída às 17h.

7) A representação do ateliê



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

--- O croqui do ateliê

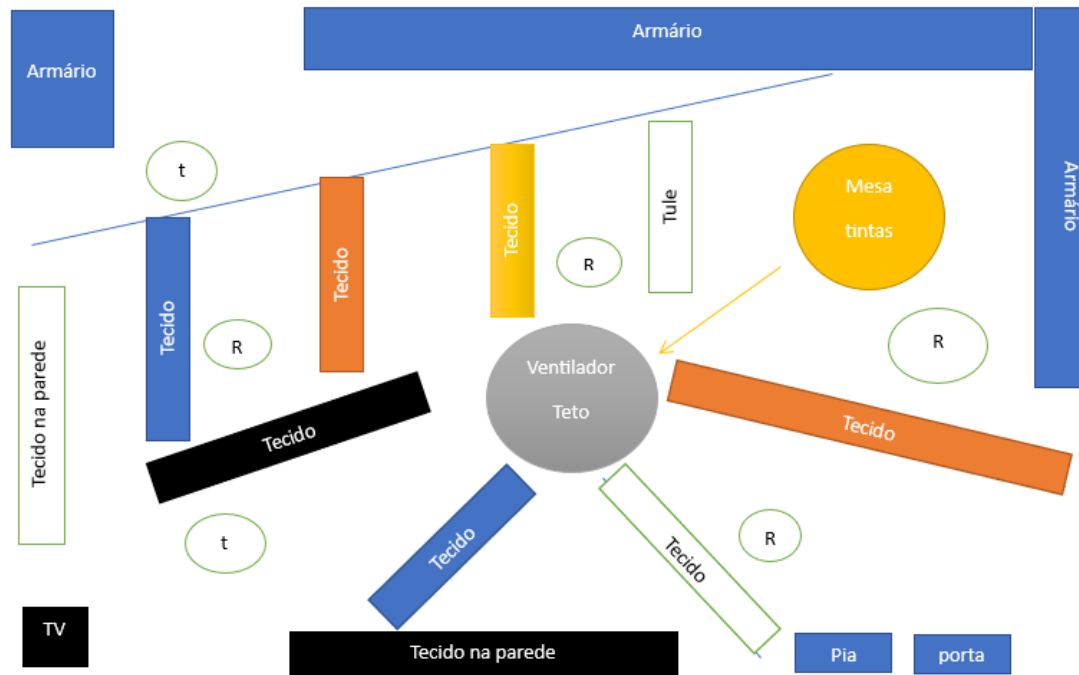


Figura 1: Ateliê nº 1 A fantasia dos tecidos e das cores



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

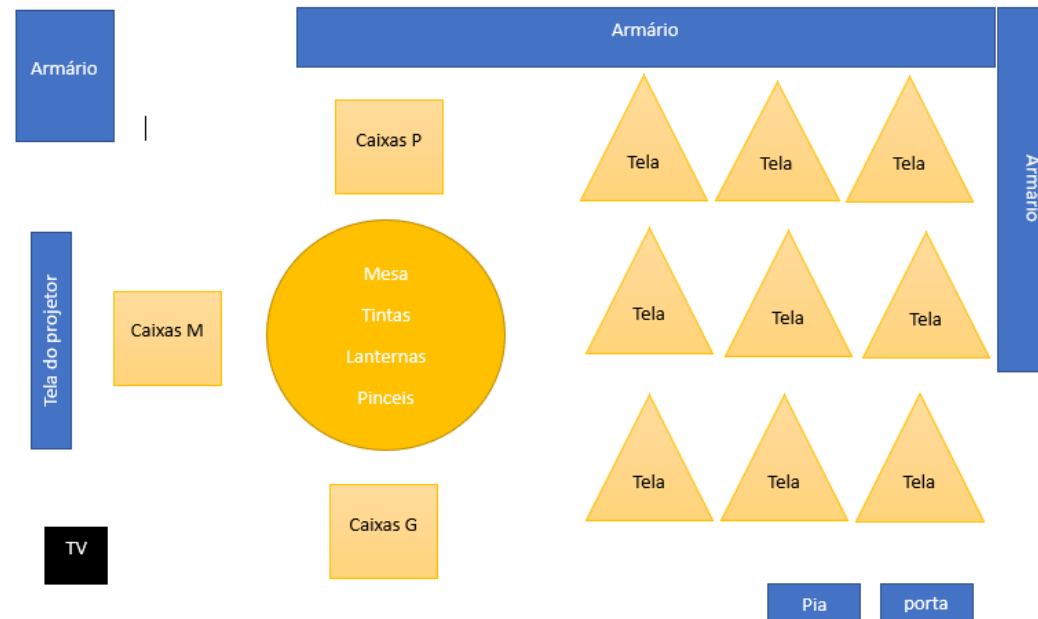


Figura 2: Ateliê N° 2 Será que é uma caixa?



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

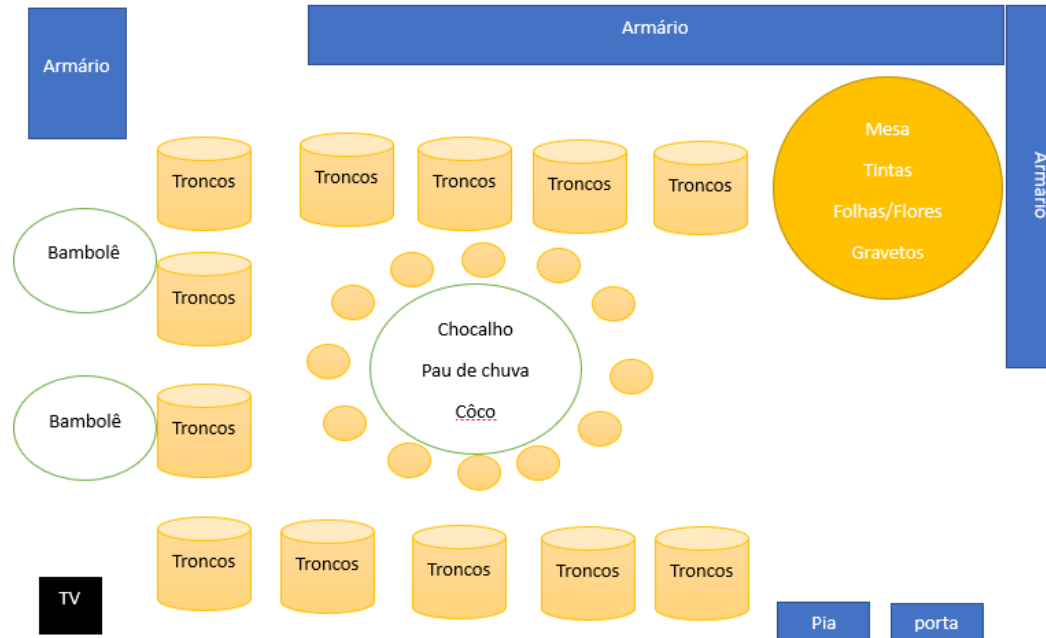


Figura 3: Ateliê nº 3 A natureza para além das crianças